



**ORIGINAL
ORIGINAL**

Editora

Paula Gorenstein Dedecca

Conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Apoio

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Processo nº 88887.493298/2020-00).

Recebido

13 ago. 2025

Versão Final

12 dez. 2025

Aprovado

12 jan. 2026

A trajetória profissional do engenheiro e artista plástico Sylvio Jaguaribe Ekman: modernidade pragmática e transculturação entre o Ceará e São Paulo – 1930-1950

The professional trajectory of engineer and visual artist Sylvio Jaguaribe Ekman: Pragmatic modernity and transculturation between Ceará and São Paulo – 1930-1950

Tiago Farias **Lopes**¹ , Clovis Ramiro **Jucá Neto**¹ 

¹ Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design. Fortaleza, CE, Brasil. Correspondência para: T. F. LOPES. E-mail: tiago.farias@gmail.com

Artigo elaborado a partir da dissertação de T. F. LOPES, intitulada “A obra do engenheiro Sylvio Jaguaribe Ekman em Fortaleza: décadas de 1930 e 1940”. Universidade Federal do Ceará, 2023.

Como citar este artigo/How to cite this article: Lopes, T. F.; Jucá Neto, C. R. A trajetória profissional do engenheiro e artista plástico Sylvio Jaguaribe Ekman: modernidade pragmática e transculturação entre o Ceará e São Paulo – 1930-1950. *Oculum Ensaios*, v. 23, e2616804, 2026. Doi: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v23e2026a16804>.

Resumo

Este artigo investiga a trajetória profissional do engenheiro e artista plástico de Sylvio Jaguaribe Ekman (1901–1977), participando do processo de modernização arquitetônica de Fortaleza entre as décadas de 1930 e 1950. Adotando a biografia intelectual como metodologia, a pesquisa analisa fontes primárias e secundárias, incorporando os conceitos de transculturação e modernidade pragmática. Os resultados indicam que Jaguaribe Ekman introduziu soluções arquitetônicas modernizantes integradas a linguagens tradicionais, como o Art Déco e o neocolonial. Como projetista, construtor e artista, destacou-se como mediador entre referências artísticas e arquitetônicas internacionais e as demandas locais. O estudo reforça a relevância de trajetórias como a de Ekman para a amplificação da historiografia da arquitetura brasileira, contemplando experiências marginalizadas nos discursos canônicos.

Palavras-chave: Art Déco. Biografia intelectual. Fortaleza. Modernização. Neocolonial.

Abstract

This article investigates the professional trajectory of engineer and visual artist Sylvio Jaguaribe Ekman (1901–1977), who took part in Fortaleza’s architectural modernization process between the 1930s and 1950s. Adopting intellectual biography as a methodology, the study analyzes primary and secondary sources and incorporates the concepts of transculturation and pragmatic modernity. The results indicate that Jaguaribe Ekman introduced modernized architectural solutions integrated with traditional languages, such as art deco and neocolonial. As a designer, builder, and artist, he emerged as a mediator between international artistic and architectural

references and local demands. The study reinforces the relevance of trajectories like Ekman's for the amplification of the historiography of Brazilian architecture, contemplating experiences marginalized in canonical narratives.

Keywords: Art Déco. Fortaleza. Intellectual biography. Modernization. Neocolonial.

Introdução

A historiografia da arquitetura brasileira tem, nas últimas décadas, preenchido lacunas relacionadas a períodos historicamente marginalizados. Um desses momentos, ainda pouco explorado, corresponde ao intervalo de transição entre o ecletismo e o modernismo, cuja produção arquitetônica foi frequentemente considerada “menor” ou periférica. Essa nova visada sobre a arquitetura brasileira trouxe à tona profissionais da arquitetura e da engenharia antes desconhecidos pela historiografia.

Conde, em artigo publicado na Revista AU, no ano de 1988, já identificava estas omissões na produção historiográfica da arquitetura brasileira. No artigo, o autor alertou que nossa historiografia:

Se ocupa de diversas construções cujas características dificilmente estão presentes na produção arquitetônica corrente e de massa, [...] A conformação concreta das cidades em que vivemos, em sua maior parte, se distancia muito desses exemplos citados nos livros. [...] Nos acostumamos a privilegiar o estudo e a análise de alguns períodos de nossa história em detrimento de outros. Assim, valorizamos o barroco e o modernismo relegando a um plano de inferioridade outras manifestações culturais, principalmente aquelas do período que intermedia essas duas fases, supostamente áureas de nossa Arquitetura (Conde, 1988, p. 68).

Hugo Segawa, em seu livro “Arquiteturas no Brasil. 1900-1990” assevera que, no Brasil, “outras formas de modernidade também se manifestaram até anteriormente ao advento da casa da rua Santa Cruz” (Segawa, 2002, p. 54)². Segawa (2016) identifica, na arquitetura do primeiro quartel do século XX, uma modernidade “pragmática” ou “moderada”, caracterizada por soluções funcionais e técnicas voltadas ao cotidiano, que conciliava a busca por uma imagem moderna com referências clássicas, em contraste com as propostas das vanguardas modernistas. Segawa (2016, p. 47) acrescenta que “na segunda metade dos anos 1930, uma arquitetura genericamente chamada de ‘moderna’ e realizações tidas como Art Déco disseminavam-se entre os profissionais de várias regiões do Brasil”. Os argumentos justificam a revisão crítica proposta pelo próprio Hugo Segawa.

Segawa (2002) adota o termo “modernidade pragmática” para nomear um amplo conjunto de manifestações arquitetônicas modernizantes as quais, entre as décadas de 1920 e meados dos anos 1940, orientadas sobretudo por exigências práticas e lógicas de mercado, que buscava “parecer moderno” sem, necessariamente, aderir às rupturas radicais das vanguardas arquitetônicas do período. Essas manifestações se desenvolvem, em geral, fora dos movimentos organizados e sem um engajamento político-ideológico explícito. Nesse contexto, trata-se de uma arquitetura heterogênea em suas linguagens, marcada pela conciliação entre referências clássicas e modernas, configurando um contraponto à “arquitetura moderna”, mais programática e engajada, como estabelecida pela historiografia da arquitetura.

Neste compasso, pesquisas recentes sobre a ação de profissionais não diplomados na arquitetura, responsáveis pelo maior volume de projetos e construções até a primeira metade do século XX nas cidades brasileiras, veem alterando o panorama historiográfico. Dentre estas obras, a tese de doutorado de Pareto Júnior (2016), “*Pândegos, rábulas, gamelas: os construtores*

² Casa modernista (1928) de Gregori Warchavchik, em São Paulo (Segawa, 2002).

não-diplomados entre a engenharia e a arquitetura (1890-1960)” traz contribuições à historiografia do período em questão, ao analisar a atuação dos “práticos licenciados” na construção paulista entre 1893 e o início da década de 1960. A pesquisa destaca a relevância dos profissionais na disseminação de padrões técnicos e estéticos.

Já a tese de Marina Rodrigues Amado (Amado, 2024), intitulada “*Carlos Ekman e o ecletismo na arquitetura paulistana*” amplia o conhecimento acerca da obra do arquiteto sueco em São Paulo. Frequentemente associado apenas ao Art Nouveau, a autora demonstra quão ampla e diversificada foi a produção de Carlos Ekman (1866-1940), especialmente dentro das manifestações ecléticas, destacando suas experimentações e contribuição para a cultura arquitetônica na capital paulista. Em 2021, o livro do arquiteto e professor Romeu Duarte, “*Emílio Hinko, arquiteto – o último eclético: arquitetura e poder em Fortaleza*”, faz um amplo resgate da trajetória profissional do arquiteto licenciado húngaro (1901-2002), responsável por importantes transformações na paisagem da cidade de Fortaleza. Na mesma ordem citamos também o livro “*Jayme C. Fonseca Rodrigues. Arquiteto*”, de Hugo Segawa (Segawa, 2016).

As obras acima mencionadas correspondem apenas a uma parcela das revisões historiográficas propostas por Conde (1988) e Segawa (2002), atualmente em desenvolvimento, inserindo-se em um campo de debate em processo de consolidação. Trata-se de uma discussão aberta, em constante ampliação e sujeita a novas interpretações e aportes teóricos.

Este artigo analisa a arquitetura de Sylvio Jaguaribe Ekman no processo de modernização de Fortaleza nas décadas de 1930 a 1950. A análise tem como base o fluxo de sua vida como engenheiro, construtor e artista. Demonstra como sua trajetória profissional se insere na dinâmica de transição arquitetônica entre o ecletismo e o modernismo arquitetônico no Brasil, contribuindo para o reconhecimento de ações profissionais historicamente marginalizadas. Ao condicionar a análise formal e construtiva de sua obra à sua trajetória de vida, evidencia como o cruzamento de suas experiências pessoais e profissionais, circulando entre Fortaleza, São Paulo e o estrangeiro, são fundamentais para averiguação de sua contribuição à arquitetura no Ceará.

O arquiteto e professor José Liberal de Castro (Castro, 1998, p. 36) aponta que, a partir do segundo quartel do século XX, a cidade de Fortaleza vivenciou um “ciclo de progresso [...] marcado pela diversificação da pauta de produtos exportados”. No período, a capital cearense atravessou um “processo de modernização material” (Castro, 1998, p. 27), com transformações significativas na morfologia urbana, com a introdução de edifícios de múltiplos pavimentos e de novas linguagens arquitetônicas, além da expansão da malha urbana em direção ao litoral e a redefinição de áreas periféricas ao Centro. Tais mudanças não prescindiram da ação de engenheiros, arquitetos, técnicos e autodidatas. Muitos destes profissionais ainda permanecem à margem da historiografia arquitetônica cearense.

Entre esses agentes, encontrava-se o engenheiro paulistano Sylvio Jaguaribe Ekman (1901-1977), cuja atuação em Fortaleza entre as décadas de 1930 e 1950 foi marcada por contribuições significativas à modernização da cidade (Castro, 1998; Lopes, 2023). Ekman esteve envolvido com os primórdios da verticalização da capital cearense e participou da introdução de novas linguagens arquitetônicas, como o Art Déco e o neocolonial (Diógenes, 2010). Sua trajetória profissional, marcada por constantes deslocamentos entre São Paulo, Fortaleza e o exterior, permite compreendê-lo dentro do âmbito da circulação de formas e ideias, como um “projetista forasteiro”, portador de referências arquitetônicas estrangeiras e articulador de uma arquitetura modernizante, transculturada no contexto local.

Metodologicamente, o estudo adota a abordagem da “biografia intelectual”, inspirada pela micro-história e pelos debates contemporâneos da historiografia, priorizando a análise da trajetória individual em articulação com contextos sociais, culturais e redes intelectuais. A “biografia intelectual”, tal como concebida no campo da história sociocultural, tendo Lucien Febvre³ como um de seus principais representantes, oferece um instrumental valioso para o objeto de estudo em tela. Nesse passo, Bourdieu (2006) enfatiza a importância de considerar o contexto em que se desenvolvem as trajetórias individuais. Conforme propõe Salgueiro (1997), não se trata de recuperar uma biografia cronológica ou anedótica, como criticada por Le Goff (1990), mas sim contextualizar o indivíduo inserido nas estruturas sociais e culturais das épocas estudadas. A análise afasta-se, portanto, da biografia tradicional ao privilegiar práticas, ideias, textos e relações em detrimento de uma narrativa cronológica ou anedótica.

A abordagem é relevante para a historiografia da arquitetura, pois permite analisar trajetórias profissionais e a apropriação de modelos culturais, destacando o arquiteto como mediador entre referências arquitetônicas internacionais e contextos locais (Salgueiro, 1997).

A análise da trajetória profissional de Sylvio Ekman destaca o exame de sua formação técnica e artística, de seu ambiente familiar e suas redes de contato, seus deslocamentos interligando lugares diversos no mundo e no Brasil. Importa considerar sua formação multidisciplinar, com passagem pela engenharia e pelas artes plásticas, respaldada pela tradição de família associada à arquitetura e a construção e ao trânsito entre diferentes linguagens arquitetônicas e contextos culturais. Seus fragmentos biográficos serão situados no contexto das transformações urbanas em São Paulo e Fortaleza entre as décadas de 1930 e 1950.

Adota-se, ainda, um enfoque comparativo, com ênfase nas transferências culturais, por meio do conceito de transculturação (Gutiérrez, 1989), para compreender a assimilação de modelos internacionais, em particular os estadunidenses, pelo biografado e sua geração.

Para este estudo, adotamos o conceito de “transculturação” conforme estabelecido por Gutiérrez (1989), o qual, não descreve uma simples cópia de modelos externos, mas um processo histórico de seleção, adaptação e síntese entre a cultura de origem e a realidade onde a obra se materializa. Para Gutiérrez (1989), trata-se de uma série de fusões diante de condicionantes culturais, econômicos e técnicos locais, em que “no encontro de dois mundos há um processo de adaptação e criatividade, onde se apropria ou se rejeita” (Gutiérrez, 1989, p. 59), gerando uma arquitetura “fruto do processo de transculturação, diferenciada por traços próprios” (Gutiérrez, 1989, p. 60).

Waisman (2013) alerta contra leituras eurocêntricas que tratam a produção latino-americana como mera projeção “periférica” do centro. Aplicado ao caso de Sylvio Jaguaribe Ekman, esse enquadramento permite compreender sua atuação como a de um projetista que articula referências internacionais e demandas locais, produzindo uma arquitetura modernizada, transculturada no contexto de Fortaleza, em vez de versões reduzidas de matrizes estrangeiras.

A pesquisa fundamenta-se na análise de fontes primárias e secundárias, como documentos históricos, periódicos especializados (ex.: Acrópole e Habitat), e no artigo “Sylvio Jaguaribe Ekman e a Arquitetura da Sede do Ideal Clube” de Castro (1998), ponto de partida para este estudo, articulando-os com referenciais teóricos pertinentes. O trabalho incluiu levantamento historiográfico e iconográfico realizado em bibliotecas e arquivos públicos e privados.

Ao valorizar a singularidade de Sylvio Jaguaribe Ekman, sem perder de vista suas conexões com dinâmicas coletivas e culturais mais amplas, este trabalho resgata a memória de um profissional

³ Lucien Febvre (1879-1956), historiador francês e cofundador da Escola dos Annales.

ainda pouco estudado, e indica caminhos para a construção de uma historiografia da arquitetura sensível às multiplicidades de experiências e formas de produção do espaço.

Uma linhagem de profissionais da arquitetura e da construção

Sylvio Jaguaribe Ekman nasceu em 17 de dezembro de 1901, na cidade de São Paulo. Ainda jovem, estudou na Escola Americana⁴. Em 1910, mudou-se para a França. Estudou em Nice e, posteriormente, em Lausanne, na Suíça, até retornar a São Paulo, em 1912 (Castro, 1998). O engenheiro foi um dos introdutores do Art Déco e do neocolonial em Fortaleza, articulando influências internacionais e práticas locais. Sua trajetória ajuda a compreender os processos de modernização arquitetônica da cidade na primeira metade do século XX. O profissional pertence a uma linhagem de arquitetos suecos. Era filho de Carlos Ekman (1866–1940), arquiteto nascido em Estocolmo, e neto de Pehr Johan Ekman (1816–1884), também arquiteto da mesma cidade.

Pehr Johan Ekman é autor de importantes obras de arquitetura na Suécia, como o projeto da Bolsa de Valores de Gotemburgo em 1849, com traço neoclássico (Reiter, 2012). Também de sua lavra encontram-se as Casas Ekmanska, um conjunto de 18 casas para trabalhadores, e a Villa Sagatun de 1881 (Liedgren, 1981). De acordo com Johanson (2018), em 1886, Pehr Ekman fundou a *Ekmans Mekaniska Snickerifabrik Ligna*, uma das maiores unidades de carpintaria mecanizada de Estocolmo naquele período.

Amado (2024) relata que o arquiteto Carlos Ekman, após passagem por Nova Iorque e Buenos Aires exercendo atividades relacionadas à arquitetura, migra para o Brasil no final do século XIX. Em 1894, recebe convite para trabalhar em São Paulo, associando-se ao Arquiteto Augusto Fried⁵ até 1901. Após a dissolução da sociedade, Carlos Ekman estabelece seu próprio escritório em São Paulo.

Na capital paulista, Carlos Ekman firma duradoura relação com o médico e político Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho (1847–1927)⁶. Em 1898, Carlos Ekman casa-se com Flora Jaguaribe, filha de Domingos Jaguaribe. Com ela, teve três filhos. Conforme relato em entrevista concedida por Nancy Yang Ekman (1945–)⁷ em março de 2019, como presente de casamento, Carlos Ekman e Flora Jaguaribe recebem de Domingos Jaguaribe, um chalé pré-fabricado de madeira, da fábrica sueca de seu pai, Pehr Ekman. Posteriormente, no mesmo terreno, constroem uma nova residência ao lado da antiga casa. Carlos Ekman deixou importante legado na arquitetura paulistana, com destaque para o Teatro São José, 1900, Vila Penteado, 1902, e o Edifício Bamberg, 1909, este último pioneiro no uso de estrutura metálica na cidade (Prado, 1976).

O curso de Engenharia Civil do Mackenzie College e os primeiros anos de atuação profissional

Em 1918, Sylvio Jaguaribe Ekman ingressou no curso de Engenharia Civil da Escola de Engenharia do Mackenzie College, em São Paulo. Segundo Ficher (2005), o ensino institucional de

⁴ A Escola Americana, hoje Instituto Mackenzie, foi a primeira instituição escolar protestante de São Paulo, fundada em 1870, com princípios pedagógicos inspirados em modelos estadunidenses da época (Schelbauer, 2005).

⁵ Augusto Fried (1857–1912) estudou arquitetura em Stuttgart, Genebra e Saint-Etienne. Na década de 1880 mudou-se para Buenos Aires (Amado, 2024).

⁶ Médico, político, nascido em Aracati-CE, estabeleceu-se em São Paulo. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (Castro, 1998). Seu pai, Domingos José Nogueira Jaguaribe (1820–1890), o Visconde de Jaguaribe, natural de Aracati-CE, foi senador do Império (Merege, 2025).

⁷ Arquiteta, viúva de Carlos Cesar Ribeiro Jaguaribe Ekman (1942–2002), sobrinho de Sylvio Jaguaribe Ekman.

arquitetura e engenharia civil em São Paulo consolidou-se entre 1894 e 1917, com destaque para a Escola Politécnica e o Mackenzie.

Os cursos de engenharia e arquitetura do Mackenzie combinavam métodos franceses e estadunidenses com foco em técnicas modernas (Pereira, 2005). A grade curricular tinha disciplinas comuns nos dois primeiros anos, diferenciando-se no terceiro, com ênfase em construção, hidráulica e arquitetura. Ekman cursou disciplinas como matemática, química, mecânica e desenho. Teve desempenho mediano na maioria delas, com exceção da disciplina de arquitetura e oficina de madeira, como atesta o Relatório do Mackenzie College (1922). É possível conjecturar que o ambiente familiar – o pai arquiteto e suas raízes em família com tradição na produção de pré-fabricados em madeira – tenha contribuído positivamente para seu desempenho nas duas disciplinas e áreas afins (Lopes, 2023). Seu trabalho de conclusão de curso, feito em 1922 com Clovis Arantagy, teve o título *“Plano para Construção em Concreto Armado”*, tema, segundo Mendes (2017), emergente no ensino da engenharia à época.

No ano da formatura de Sylvio Ekman, o Brasil celebrava seu centenário da independência com a Exposição do Centenário. Segundo Bruand (2003), esta exposição ajudou a promover o Movimento Neocolonial, iniciado em 1914, ao adotar a arquitetura neocolonial em seus pavilhões. Para Amaral (1994), este movimento buscava afirmar uma identidade nacional com base na arquitetura colonial ibérica. No período, o neocolonial fora adotado massivamente, especialmente em projetos residenciais (Lopes, 2023).

Após a graduação de Sylvio Jaguaribe Ekman, Carlos Ekman encerrou sua atividade como arquiteto autônomo, fundando o escritório Carlos Ekman & Filho (Amado, 2024). Sediado em São Paulo, o escritório desenvolveu diversos projetos ecléticos. São escassos os registros da atuação conjunta de Sylvio e Carlos Ekman. Destacam-se duas obras na Rua Paula Souza, em São Paulo (Figura 1), com o risco eclético em suas composições (Lopes, 2023), além de um sanatório em Campos do Jordão, apresentado em prospecto de 1929, feito para atrair investidores (Figura 2).



Figura 1 – Edifício localizado na esquina da rua Florêncio de Abreu com rua Paula Souza.

Fonte: Lopes (2023).

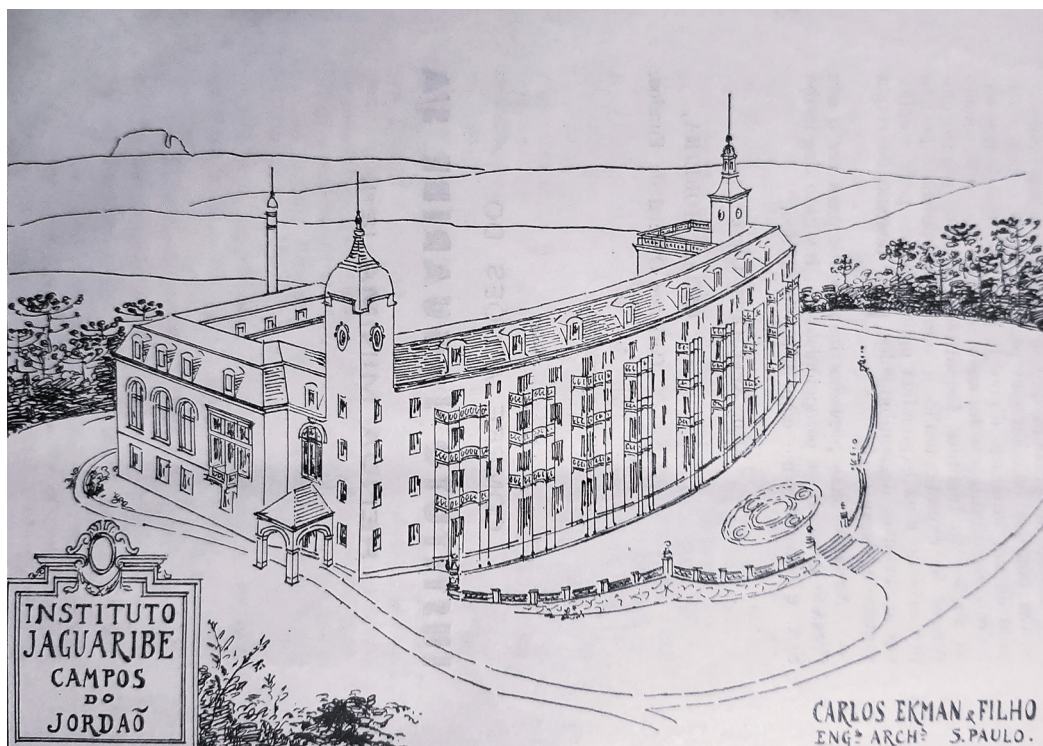


Figura 2 – Perspectiva de Carlos Ekman & Filho para um sanatório em Campos do Jordão (1929).

Fonte: Acervo Nancy Yang Ekman.

Ainda sobre o período, há vagas informações sobre outras atividades – tais como duas viagens realizadas por Sylvio Jaguaribe Ekman: uma em 1924, para a Argentina, e em 1927, para o Uruguai, prestando serviços à Cruz Vermelha em ambas as ocasiões (Castro, 1998).

O escritório funcionou até 1934. Na altura, Sylvio Ekman mudou-se para Fortaleza, dando continuidade à sua atividade profissional como engenheiro. Já Carlos Ekman, passou a dedicar maior parte de seu tempo à pintura. Carlos Ekman faleceu em 29 de julho de 1940, na cidade de Santos/SP (Ekman, 2002).

Sylvio Jaguaribe Ekman em Fortaleza – Projetista e construtor

A mudança para Fortaleza ocorreu em um contexto de crescimento e modernização da cidade, com crescente demanda por profissionais da construção civil (Castro, 1998). Como já explicitado, entre as décadas de 1930 e 1940, Fortaleza passou por uma transição do ecletismo para a linguagem Art Déco. O centro de Fortaleza testemunhava importantes transformações na paisagem urbana, como o início de sua verticalização, o incremento da linguagem Art Déco (Lopes, 2023), o uso do concreto armado e a coexistência de elementos modernos com ornamentações tradicionais.

O processo ocorreu concomitante à promulgação do Código de Obras de 1932, que, dentre outros pontos, regulamentou parâmetros para as novas construções verticalizadas. O processo também incrementou a atração de profissionais diplomados de fora, já que não havia quadro técnico – engenheiros e arquitetos – formado na cidade. Segundo Borges (2006), esta estética modernizante foi introduzida inicialmente no centro da cidade por meio da atuação de engenheiros como Sylvio Ekman, Omar O’Grady (1894–1985), e o arquiteto-licenciado Emílio Hinko (1901–2002).

Entre as edificações com traço Art Déco citamos o Edifício J Lopes, construído em 1937 por Emilio Hinko (Duarte, 2021) e o Edifício Diogo (1939), de autoria do engenheiro Waldyr Diogo de Siqueira (1910-1970) (Borges, 2006).

Já em 1935, a convite de seu primo, o empresário Fernando de Alencar Pinto (1902-1979), Sylvio Jaguaribe Ekman construiu suas primeiras obras na capital cearense: postos de gasolina encomendados pela família Alencar Pinto (Figura 3), que também importava carros.



Figura 3 – Posto de gasolina “GMC”, de propriedade do grupo Cimaipinto, de Fernando de Alencar Pinto. Fortaleza, sem data.
Fonte: Acervo Profa. Dra. Márcia Cavalcante / João Hyppolito.

De acordo com o Almanaque do Estado do Ceará de 1941, o escritório técnico de Sylvio Ekman situava-se na Rua Floriano Peixoto, 486. Como engenheiro, as ações de Sylvio Ekman em Fortaleza seguiam a tradição da época, em que o mesmo profissional era responsável tanto pelo projeto quanto pela execução da obra (Diógenes, 2010). Mais tarde, mudou-se para a Rua Major Facundo, 364, no centro da cidade (Lopes, 2023).

Em Fortaleza, Sylvio Ekman condicionou sua produção arquitetônica ao gosto do cliente, alternando entre o neocolonial e elementos modernizantes, influenciados pela estética Art Déco e da Escola de Chicago. A referência à Escola de Chicago pode ser observada no Edifício Jangada (1948), com sua fachada tripartida, com embasamento composto por arcadas e revestimento em granito, além de um corpo marcado pela regularidade de aberturas, resultando em uma malha reticular, finalizado com um coroamento onde observa-se a presença de elementos do repertório clássico, como cornijas.

O escritório também se destacou pela execução e fiscalização de projetos de terceiros, como a construção da Casa Johnson (1942)⁸, de autoria de Oscar Niemeyer (1907–2012), no litoral fortalezense e, na década de 1950, de um edifício para o Ministério da Educação e Saúde, na praça José de Alencar.

Conforme Castro (1998), para a reforma e ampliação da Fábrica Brasil Oitica (1938), Sylvio Ekman convidou o paulista Francisco Cancian Hyppolito (1911–1976). Hyppolito chegou a Fortaleza em 1937, ingressando como auxiliar técnico no escritório de Sylvio Ekman. Inicialmente responsável pelo acompanhamento das obras, assumiu funções administrativas quando Sylvio Ekman passou a circular frequentemente entre Fortaleza e São Paulo.

⁸ Publicada no livro “Brazil Builds” (1943) em ocasião da exposição “Construção brasileira. Arquitetura moderna e antiga. 1652-1942”, ocorrida no Museum of Modern Art – MoMA, de Nova Iorque, EUA (Goodwin, 1943).

Castro (1998) afirma que o escritório técnico teve duas fases distintas. Primeiro, sob a liderança de Sylvio Ekman e a ação de Francisco Hyppolito dirigindo os canteiros de obras. Posteriormente, com Francisco Hyppolito assumindo a administração do escritório técnico de Fortaleza, enquanto Sylvio Ekman focava sua atuação na filial de São Paulo e demais negócios da família, como a Companhia Brasileira de Colonização⁹, fundada por seu avô, Domingos Jaguaribe.

O escritório de Sylvio Jaguaribe Ekman contribuiu para a formação de profissionais na construção civil em Fortaleza, contando com a colaboração de engenheiros locais que posteriormente viriam a ser convidados para integrar o quadro de docentes na recém-fundada Escola de Engenharia da Universidade Federal do Ceará-UFC (Diógenes, 2010).

Sua produção abraçou linguagens ecléticas ou neocoloniais, como nas residências de Adriano Martins (1938) e da família Jereissati (década de 1930), além do Ideal Club (1939) e do Country Club (1942). Nestes projetos, elementos neocoloniais brasileiros e californianos se mesclam com referências europeias, em franco processo de transculturação.

Acerca do processo de transculturação ocorrido na produção de Sylvio Jaguaribe Ekman em Fortaleza, podemos citar a casa projetada para o senhor Antônio Albuquerque do início da década de 1950 (já demolida). Nela, é possível observar semelhanças com casas pré-fabricadas em madeira, largamente difundidas por meio de catálogos estadunidenses, como as *Wardway Homes*¹⁰ (Figura 4). Contudo, embora o modelo fortalezense compartilhe semelhanças tipológicas, a casa projetada para a família Albuquerque fora construída em alvenaria, sistema construtivo consolidado no cenário cearense, e possui beirais mais generosos como recurso de proteção dos raios solares e varanda, elemento mais corriqueiro no programa de casas brasileiras.



Figura 4 – À esquerda, Imagem de projeto residencial extraída do catálogo Wardway Homes, publicado nos Estados Unidos.

Fonte: Montgomery Ward & Co (1923). À direita, fotografia da Residência Antônio Albuquerque, publicada na Revista Acrópole nº 171 de julho de 1952.

Distanciando-se do ecletismo, oriundo dos tempos de sua parceria com seu pai, Sylvio Ekman teve papel central na introdução de novas linguagens arquitetônicas, como o Art Déco, e na verticalização de Fortaleza, com obras como os edifícios Parente (1936) e Carneiro (1938). Neste compasso, fundamentada em critérios práticos e de mercado, sua arquitetura apresentava linhas retas e formas geométricas, ainda que pautada por uma composição clássica, próprias da “Modernidade Pragmática” concebida por Segawa (2002).

⁹ Empresa especializada na comercialização de loteamentos e chalés em Campos do Jordão (Revista Acrópole, 1948).

¹⁰ As *Wardway Homes* eram residências pré-fabricadas comercializadas por catálogo pela empresa varejista estadunidense Montgomery Ward & Co. nas primeiras décadas do século XX. Oferecidas em forma de kits completos, enviados por meio de trens de carga, essas casas viabilizaram para milhares de famílias a concretização do desejo da casa própria a preços mais acessíveis (Thornton; Wolicki, 2010).

Na trajetória de Sylvio Jaguaribe Ekman, a modernização aparece menos como adesão a um programa vanguardista e mais como resposta a um horizonte prático: edifícios e espaços concebidos para atender à sua funcionalidade, comunicar atualização e atender às demandas do mercado local, articulando inovações e imagem de modernidade sem abandonar inteiramente matrizes compositivas já estabelecidas, alinhando-se àquilo que Segawa (2002) classifica como “Modernidade Pragmática”.

Importante destacar que, para o projeto do Ideal Club (Figura 5), Sylvio Ekman viajara à Califórnia, nos Estados Unidos, com Fernando de Alencar Pinto, um dos fundadores do clube. O intuito da viagem foi conhecer referências arquitetônicas locais, em específico, as missões espanholas dos séculos XVIII e XIX (Castro, 1998).



Figura 5 – Fachada do Ideal Clube vista a partir da Avenida Monsenhor Tabosa, 1939.

Fonte: Acervo Carlos Joaçaba.

Entre o Ceará e São Paulo

Conforme anúncio na Revista Acrópole de junho de 1938, Sylvio Ekman estabeleceu uma filial de seu escritório técnico em São Paulo. Atuando tanto em São Paulo quanto em Fortaleza, ele compartilhava e disputava espaço nos indicadores profissionais com renomados arquitetos e engenheiros de sua época como Oswaldo Bratke (1907–1997), Eduardo Kneese de Mello (1906–1994) e Henrique Mindlin (1911–1971), Jayme C. Fonseca Rodrigues (1905–1946), Rino Levi (1901–1965) e Gregori Warchavchik (1896–1972).

Pinheiro (2001) destaca que a maioria dos arquitetos e engenheiros atuantes em São Paulo na época, incluindo nomes renomados como Sylvio Jaguaribe Ekman, mostrava-se distante das questões do modernismo arquitetônico. Os profissionais optavam por uma arquitetura “modernizada”, que incorporava inovações técnicas, mas sem romper com a tradição ou traços herdados do academicismo.

Embora a arquitetura de Sylvio Jaguaribe Ekman possa parecer convencional no cenário paulistano, sua obra apresentava características inovadoras quando inserida no contexto arquitetônico de Fortaleza à época. Essa comparação evidencia aspectos relevantes do processo de assimilação e adaptação das referências arquitetônicas frente às distintas condições tecnológicas, culturais e econômicas presentes na capital cearense.

Esse contraste faz-se evidente ao compararmos o Edifício Clipper, construído em 1944 em São Paulo (Lopes, 2023), com o Edifício Carneiro (Figura 6), erguido em 1938 em Fortaleza. Além do uso comercial, ambos possuem afinidades formais influenciadas pela estética Art Déco. As edificações compartilham elementos como simetria na esquina do lote, fachadas com esquadrias metálicas, ausência de ornamentos, formas curvas e marquise no embasamento. No caso do Edifício Clipper, ainda é possível encontrar forte influência da Escola de Chicago, onde são observáveis as aproximações com o edifício da loja Carson Pirie & Scott, de Sullivan (1856–1924), construído entre 1899 e 1904 em Chicago (Curtis, 2008).



Figura 6 – À esquerda, edifício da loja Carson Pirie & Scott, projetadas por Sullivan (Fonte: Curtis, 2008). Ao centro, perspectiva do Ed. Clipper, 1953 (Fonte: Jornal Diário da Noite, 23 de fevereiro de 1953). À direita, Ed. Carneiro, sem data. (Fonte: Arquivo Nirez).

Já o Edifício Roosevelt (1948), prédio comercial de 22 pavimentos no centro de São Paulo, projetado e construído por Sylvio Ekman para seu primo e cliente Fernando de Alencar Pinto (Lopes, 2023), apresenta semelhanças com o Edifício Jangada, construído em Fortaleza no mesmo ano, também de autoria de Ekman, encomendado pela Prudência Capitalização (Figura 7). Ambos inspirados na estética da Escola de Chicago, marcaram a verticalização de suas cidades e contaram com a decoração de murais do artista plástico Pierre Adrien Ekman (1904–1993).



Figura 7 – À esquerda, Ed. Roosevelt, São Paulo, 1949. À direita, Ed. Jangada. Fortaleza, 2019.

Fonte: Revista Acrópole (ano 12, n. 134. p. 51-52, 1949) e Lopes (2023).

Embora guardem afinidades formais com exemplares paulistanos, as obras realizadas em Fortaleza por Ekman se caracterizam por escala mais contida, emprego de materiais e técnicas construtivas de maior disponibilidade local e composição mais sóbria, em consonância com as especificidades culturais, tecnológicas e financeiras do contexto local. À primeira vista, parte dessa produção poderia ser interpretada apenas como desdobramento de edificações de maior porte concebidas por ele em São Paulo. Entretanto, tal leitura se mostra limitada, uma vez que “a criatividade se projeta então no plano das ideias assim como no da práxis” (Gutiérrez, 1989, p. 59), o que evidencia que as soluções adotadas não configuram mera redução formal, mas resultam de reelaborações críticas, calibradas às demandas do mercado, às preferências dos clientes e às possibilidades técnicas disponíveis em Fortaleza.

No ano de 1948, a Revista Acrópole publicou que Sylvio Ekman projetou e construiu o Edifício Nassau, destinado à Companhia Prudência de Capitalização. No mesmo ano, a companhia já o havia contratado para a construção do Edifício Jangada em Fortaleza. Ambos os edifícios compartilham características semelhantes em termos de porte, acabamentos e soluções compositivas.

Além de São Paulo, Campos do Jordão se destacou como outro importante espaço de atuação para Ekman. A partir da década de 1940, o profissional assumiu a direção da Companhia Brasileira de Colonização, empresa fundada em 1917 por seu avô, Domingos Jaguaribe, dedicada à exploração imobiliária na cidade. Nesse contexto, Sylvio esteve à frente do projeto e da construção de diversos chalés de madeira em Campos do Jordão, como o encomendado por Adalberto Ferreira do Valle (Revista Acrópole, 1944) e o Rancho Jangada, pertencente a Fernando de Alencar Pinto (Revista Habitat, 1957).

Seu escritório também desempenhou o papel fiscalizador de obras, prestando serviços para as Caixas e Institutos de Aposentadoria e Pensões (CAPs/IAPs). Entre as décadas de 1940 e 1960, essas instituições foram fundamentais na formulação da primeira política nacional de habitação, envolvendo a concessão de aposentadorias, assistência médica e a construção de unidades habitacionais (Almeida; Lima; Ferreira, 2014).

Em uma de suas últimas obras, Sylvio Ekman projetou o Edifício Residencial Multifamiliar Carlos Ekman, construído no local do antigo chalé de madeira da família. A edificação, que também abrigava sua residência e escritório, foi destaque na Revista Habitat nº 22 (Revista Habitat, 1955-1957). Com traços racionalistas, o projeto incorpora elementos do modernismo emergente, como linhas retilíneas, varandas em balanço e painéis abstratos em azulejo, criados pelo artista Pierre Adrien Ekman.

Na década de 1950, Sylvio Ekman casou-se com Nadyr Baruel de Camargo. O casal passou a residir – juntamente com Maria Lucia de Camargo Coelho Hurt, filha de Nadyr de um relacionamento anterior¹¹ – em uma casa projetada por Ekman, no início dos anos 1950, no Itaim Bibi, São Paulo (Figura 8). Posteriormente, mudaram-se para o Edifício Carlos Ekman, em Higienópolis. Ainda na década de 1950, Ekman encerrou suas atividades como engenheiro, dedicando-se às empresas familiares e às suas inclinações artísticas, participando de exposições e colaborando periodicamente como ilustrador em revistas e jornais (Castro, 1998).

Ao longo de sua trajetória profissional sua produção arquitetônica foi divulgada por revistas especializadas, como as revistas Acrópole e Habitat. Entre 1938 e 1953, a Acrópole difundiu a obra de Sylvio Ekman em São Paulo, Ceará e Pernambuco (Revista Acrópole, 1938-1971). O engenheiro foi “Consultor Técnico no Ceará” da revista entre 1942 e 1952 (Lopes; Jucá Neto, 2020).

¹¹ Informação obtida por meio de entrevistas com Nancy Yang Ekman, em março de 2019 e, em junho de 2025, com Maria Lucia de Camargo Coelho Hurt.



Figura 8 – À esquerda, Sylvio Ekman e Nadyr Baruel, em Águas de São Pedro-SP, sem data. À direita, Casa projetada por Sylvio Ekman. Fonte: Acervo Maria Lucia Hurt (2025), e Revista Casa e Jardim (n. 113, jun. 1964).

Além de obras de arquitetura, estas revistas publicaram artigos sobre temas afins. Em 1938 na Revista Acrópole, um artigo explicitava o progresso nas regiões Norte e Nordeste do país, como propício para o investimento imobiliário. O profissional também ilustrou matérias para a Revista Habitat durante meados da década de 1950.

Jaguaribe Ekman: o artista plástico

Tal como em seu pai, Carlos Ekman, a ligação Sylvio Jaguaribe Ekman com as artes plásticas foi um importante aspecto em sua trajetória profissional. A sua relação com a pintura e desenhos remonta à sua infância. Com apenas 11 anos, em 1912, pinta a aquarela de uma casa durante viagem à Suécia e risca à lápis uma paisagem praiana em Santos (Figura 9). Os quadros já apontam uma precoce sensibilidade espacial na representação de paisagens construídas e naturais.

Castro (1998) aponta que, em 1930, Sylvio Ekman ingressou no curso de desenho da Académie Julian, em Paris. A instituição, fundada em 1867, era reconhecida por aceitar mulheres e adotar métodos da École des Beaux-Arts, consolidando-se como centro de formação artística (Simioni, 2005).



Figura 9 – À esquerda, paisagem da Praia de São Vicente com a Ilha Porchat ao fundo, em Santos/SP. Desenho de Sylvio Ekman, junho de 1912. À direita, casa com bandeira da Suécia. Aquarela de Sylvio Ekman, junho de 1912.

Fonte: Acervo Nancy Yang Ekman (2019).

Após concluir o curso em 1931, retornou ao Brasil e trabalhou na seção de Cadastro e Avaliação da Secretaria da Fazenda de São Paulo até 1934. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, atuou como engenheiro no Vale do Paraíba (Castro, 1998).

Em 1934, Sylvio Jaguaribe Ekman participou das vanguardas artísticas em São Paulo, tendo colaborado com a cenografia do II Baile Carnavalesco da Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM), liderado pelo pintor Lasar Segall (1889–1957). Intitulado “*Exposição às Matas Virgens da Spamolândia*”, o evento promovia a arte moderna em meio a um cenário fictício e fantasioso (Nascimento, 2003).

Fundada em 1932, a SPAM, antecessora do MAM-SP, visava aproximar artistas e o público com exposições, concertos e eventos culturais, tendo como fundadores, Warchavchik, Paulo Prado, Tarsila do Amaral e Lasar Segall (Almeida, 1976).

É sabido que, na década de 1960, Sylvio Jaguaribe Ekman, conhecido no meio artístico como “Jaguaribe Ekman”, conforme atesta em entrevista concedida à coluna de Quirino da Silva (1897–1981)¹², no jornal paulista “Diário da Noite”, de 4 de setembro de 1961, deixou a engenharia em segundo plano para se dedicar às artes plásticas, especialmente à gravura e à pintura, mais uma vez seguindo os passos de seu pai.

Sua produção artística, muitas vezes expressiva e composta por esboços, destaca-se pelos registros de viagens, utilizando nanquim, aquarela e óleo. Paris é um tema frequente, com cenas urbanas de praças, cafés e monumentos. O crítico de arte Sérgio Milliet (1898–1966), descreve os desenhos como cartas de impressões pessoais, enfatizando a liberdade e a simpatia pelas coisas do cotidiano presentes na obra de Sylvio (Milliet, 1961).

A experiência de Ekman com projeto de arquitetura enriqueceu sua sensibilidade urbana, visível em seus “desenhos-apontamentos” de viagens, que registravam monumentos, ruas e edificações com precisão arquitetônica. Ainda na entrevista concedida a Quirino da Silva em 1961, com quem Sylvio colaborou entre 1960 e 1962 ilustrando sua coluna no mesmo jornal, Ekman confessou seu fascínio contínuo pelas ruas e telhados de Paris, repetindo esse olhar atento em suas paisagens de Fortaleza, especialmente nas gravuras de jangadas de 1958, elogiadas por preservar uma tradição ameaçada.

Algumas ilustrações de Sylvio Jaguaribe Ekman integram coleções de museus, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e a Pinacoteca Rubem Berta em Porto Alegre/RS. Conforme Castro (1998), uma pintura a óleo representando uma jangada, levada por Assis Chateaubriand, faz parte do Museu de São Petersburgo, na Rússia.

Mesmo estabelecido definitivamente em São Paulo, o Ceará continuou a influenciar a produção e as memórias de Sylvio Ekman. O profissional incorporou elementos da região em suas ilustrações, representando figuras típicas como jangadeiros, rendeiras e vaqueiros (Figura 10).

Sylvio Jaguaribe Ekman retornou a Fortaleza para realizar a exposição “S. Jaguaribe Ekman” no Salão Nobre da Reitoria da UFC, em 28 de outubro de 1966. Conforme consta no folheto da exposição, a mostra apresentou 25 desenhos e pinturas com temáticas relacionadas ao Ceará, abordando jangadas, jangadeiros, rendeiras, paisagens do sertão com vaqueiros e a seca.

Sylvio Jaguaribe Ekman faleceu em 14 de julho de 1977, deixando um legado significativo não apenas na engenharia e arquitetura, mas também nas artes plásticas (Lopes, 2023).

¹² Crítico de arte, pintor, escultor, desenhista, ceramista e gravador brasileiro (Itaú Cultural, 2017).

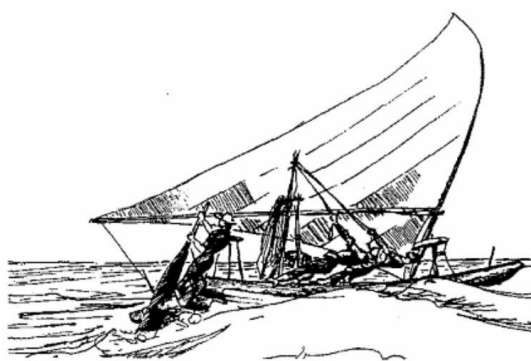


Figura 10 – À esquerda, Jangadeiros. Desenho de Sylvio Jaguaribe Ekman, 1958. À direita, “Mulher rendeira”. Pincel atômico sobre papel, de Sylvio Jaguaribe Ekman, 1963.

Fonte: Revista Habitat (n. 49, jul-ago., 1958) e Pinacoteca Rubem Berta em Porto Alegre/RS.

Considerações Finais: cruzamentos de caminhos

Sylvio Jaguaribe Ekman desempenhou sua profissão em uma época em que as disciplinas de engenharia civil e arquitetura estavam se definindo e se diferenciando, buscando uma síntese entre princípios clássicos de composição e elementos das vanguardas artísticas e arquitetônicas. Sua trajetória profissional é influenciada por suas origens e experiências desde a infância, com uma família voltada para a arquitetura e construção civil, pelo trânsito entre Brasil, Europa e Estados Unidos, além de sua dedicação às artes plásticas e viés empreendedor.

A tradição de arquitetos, artistas e empreendedores ligados à construção civil, herdada desde o avô, marcou a vida de Sylvio Jaguaribe Ekman. A análise de sua obra revela fortes conexões entre sua formação familiar e sua atividade profissional, reverberando franca articulação entre arquitetura, empreendedorismo e artes plásticas, campos que soube integrar de forma estratégica ao longo de sua vida.

Comparando sua trajetória com a de seu pai, o arquiteto Carlos Ekman, é possível identificar semelhanças, especialmente em relação ao papel de construtores e projetistas em terras estrangeiras durante transformações urbanas e à dedicação às artes nos últimos anos de vida. Sylvio Ekman, originário de São Paulo, mudou-se para Fortaleza na década de 1930, aproveitando as oportunidades profissionais na cidade em crescimento.

Sua formação transdisciplinar em artes plásticas, arquitetura e engenharia civil, aliada a uma atividade como construtor e empreendedor, o destacou em Fortaleza. Como “projetista forasteiro”, Sylvio Ekman influenciou o cenário arquitetônico local, introduzindo novas abordagens na construção, formação profissional e gestão de escritórios técnicos.

De acordo com Segawa (1988), arquitetos migrantes como Sylvio Ekman foram fundamentais para o intercâmbio cultural e o desenvolvimento urbano. Suas migrações, realizadas individualmente em busca de melhores oportunidades, contribuíram de forma expressiva para a modernização da arquitetura no Brasil.

Além de projetar edificações com diversas linguagens arquitetônicas, participou eventualmente da construção de seus projetos e de outros profissionais. Em algumas situações incorporou o viés empreendedor em todas as etapas do processo de projeção, desde a concepção até a execução da obra. Em suas incursões nas artes plásticas, mesmo não sendo categorizado

como artista de vanguarda, a influência da Semana de Arte Moderna de 22 e a convivência com personalidades da vanguarda brasileira marcaram sua formação.

A trajetória profissional de Sylvio Jaguaribe Ekman foi marcada pelo trânsito e deslocamentos temporais e espaciais, moldada pela circulação de ideias e formas, pela interconexão de lugares distantes e distintos, pela troca de experiências adquiridas em viagens, pelo cruzamento de caminhos familiares, técnicos e artísticos. Este artigo teve como objetivo resgatar essa trajetória no contexto mais amplo da história da arquitetura no Brasil, preparando o terreno para análises mais aprofundadas de sua participação no processo de modernização de Fortaleza.

Referências

- Almeida, P. M. *De Anita ao Museu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- Almeida, C. C. O.; Lima, L. M. M.; Ferreira, Ã. L. (2014). O corpo técnico das CAPs e IAPs e a inserção de inovações na moradia urbana (Nordeste, décadas de 1940-1960). *Paranoá*, v. 7, n. 13, p. 111-120. Doi: <https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n13.2014.12053>.
- Amado, M. R. *Carlos Ekman e o ecletismo na arquitetura paulistana*. 2024. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
- Amaral, A. (org.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; México DF: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- Borges, M. S. *Quartirão sucesso da cidade: o Art Déco e as transformações arquitetônicas na Fortaleza de 1930 e 1940*. 2006. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- Bourdieu, P. A ilusão biográfica. In: Amado, J.; Ferreira, M. M. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- Bruand, Y. *Arquitetura contemporânea brasileira*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- Castro, J. L. Sylvio Jaguaribe Ekman e a arquitetura da sede do Ideal Clube. *Revista do Instituto do Ceará*, v. 112, p. 27-72, 1998.
- Conde, L. P. Protomodernismo em Copacabana. *Revista AU*, n. 16, p.68-75, 1988.
- Curtis, W. J. R. *Arquitetura moderna desde 1900*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- Diógenes, B. H. N. *Arquitetura e estrutura: o uso do concreto armado em Fortaleza*. Fortaleza: SECULT-CE, 2010.
- Duarte, R. *Emílio Hinko, arquiteto: o último eclético: arquitetura e poder em Fortaleza*. Fortaleza: LCR, 2021.
- Ekman, C. Recordações de minha vida. In: Vila Penteado: 100 anos. São Paulo: FAUUSP, 2002. p. 50-55.
- Ficher, S. *Os Arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- Goodwin, P. L. *Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942*. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
- Gutiérrez, R. *Arquitetura Latino-Americana: textos para reflexão e polêmica*. São Paulo: Nobel, 1989.
- Itaú Cultural. Quirino da Silva. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Verbete da Enciclopédia. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8620/quirino-da-silva>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- Johansson, I. *The Dictionary of Swedish National Biography*. Stockholm: Riksarkivet, 2018. Disponível em: <https://sok.riksarkivet.se/sbl/Mobil/Artikel/16860>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- Jornal Diário da Noite. 23 de fevereiro de 1953. São Paulo, 1953. p. 7.
- Le Goff, J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- Liedgren, R. *Så bodde vi: arbetarbostaden som typ- och tidsföreteelse*. Stockholm: Nordiska Museet, 1981.

- Lopes, T. F. *A obra do engenheiro Sylvio Jaguaribe Ekman em Fortaleza: décadas de 1930 e 1940*. 2023. 452 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e Design) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.
- Lopes, T. F.; Juca Neto, C. R. A obra do engenheiro-arquiteto Sylvio Jaguaribe Ekman em Fortaleza. Difusão e registro de sua arquitetura na revista Acrópole entre os anos de 1938 e 1953. In: Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação, 6., 2020, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: UFMG, 2020.
- Mackenzie College. *President's Annual Report to the Board of Trustees*. São Paulo: Mackenzie College, 1922. Relatório Anual.
- Mendes, M. O Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie. In: Alvim, A. T. B.; Abascal, E. H. S.; Abrunhosa, E. C. (org.) *Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017. p. 39-73.
- Merege, A. L. *Coleções da Divisão de Manuscritos Jaguaribe*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2025.
- Milliet, S. *Apontamentos de Paris*. [Catálogo da exposição]. Galeria de Arte São Luiz, 27 de out. 1961. São Paulo, 1961.
- Montgomery Ward & Co. *Wardway Homes* (catálogo). Chicago: Montgomery Ward & Co, 1923.
- Nascimento, A. P. MAM: museu para a metrópole: a participação dos arquitetos na organização inicial do Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- Pareto Júnior, L. *Pândegos, rábulas, gamelas: os construtores não-diplomados entre a engenharia e a arquitetura (1890 - 1960)*. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- Pereira, G. *Christiano Stockler das Neves e a formação no curso de arquitetura no Mackenzie College: um estudo sobre a disseminação dos métodos da École des Beaux-Arts de Paris e das "Fine-Arts Schools" norte-americanas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.
- Pinheiro, M. L. B. Modernizada ou moderna? A Arquitetura em São Paulo nas décadas de 30 e 40. *Pós FAUUSP*, n. 9, p. 108-117, 2001.
- Prado, M. C. N. H. P. A "Vila Penteado" como Residência. In: Vila Penteado. São Paulo: Universidade de São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. p. 70-77.
- Reiter, O. P. Ambiente arquitetônico sueco na época do arquiteto Carlos Ekman. In: Martins, M. L. R. R. (org). *Vila Penteado 1902-2012: pós-graduação 40 anos*. São Paulo: FAUUSP, 2012. p. 53-58.
- Revista Acrópole. São Paulo: Gráfica Brescia, 1944. Ano 6, n. 71, p. 331.
- Revista Acrópole. São Paulo: Gráfica Brescia, 1948. Ano 11, n. 128, p. 248-249.
- Revista Acrópole. São Paulo: Gráfica Brescia, 1952. Ano 15, n. 171. p. 102-103.
- Revista Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1938-1971. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- Revista Habitat. São Paulo: Habitat Editora Ltda, 1957. Ano 7, n. 43. p. 35-38.
- Revista Habitat. São Paulo: Habitat Editora Ltda, 1955-1957.
- Salgueiro, H. A. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.
- Schelbauer, A. R. Relatório da Escola Americana. São Paulo (1887). *Revista HISTEDBR On-line*, n. 17, p. 138-140, 2005. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/lancamentos/histedbr-line-v-marco2005-n-17-2005>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- Segawa, H. Arquitetos peregrinos, nômades e migrantes. In: Segawa, H. *Arquiteturas no Brasil: anos 80*. São Paulo: Projeto, 1988. p. 9-13.
- Segawa, H. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- Segawa, H. *Jayme C. Fonseca Rodrigues: arquiteto*. São Paulo: BEI, 2016.

Simioni, A. P. C. A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 1, p. 343–366, 2005.

Thornton, R.; Wolicki, D. *Montgomery Ward's Mail-Order Homes: a History and Field Guide to Wardway Homes*. Norfolk, Virginia: Gentle Beam Publications, 2010.

Waisman, M. *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa e à Nancy Yang Ekman e Maria Lucia de Camargo Coelho Hurt, pela colaboração com depoimentos e imagens de arquivo pessoal.

Colaboradores

T.F. LOPES: Conceitualização, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Software e Escrita – rascunho original. C.R. JUCA NETO: Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Supervisão, Validação e Escrita – revisão e edição.